



O LOBO NÃO ERA O PROBLEMA

Isabelly Lopes Melo¹

Eu tenho que achar um lugar para esconder minhas dúvidas. Não digo sobre a aula de matemática ou de ciências — até porque talvez eu nem entenderia. Falo das perguntas que ninguém me responde, aquelas que só recebem como resposta: “porque sim” ou “porque a história é assim”.

As aulas de leitura são as que mais me deixam cheia de indagações. E eu não entendo por que os outros não se sentem assim também.

Nesta quinta-feira, como em todas as outras, lemos uma história. A da vez foi *Os Três Porquinhos*. Mas que historinha mal contada.

Para começar: os pais. Onde estavam os pais naquele momento? Por que eles estavam sozinhos? Eu não tive meus pais por um tempo, então é de se imaginar o medo que eles sentiram. O frio. A decepção. A quebra de confiança.

Na minha opinião, eu faria de tudo para manter meus irmãos perto de mim. Então por que eles fizeram diferente? Por que cada um seguiu seu próprio rumo? Eles brigaram?

Eu não concordo com isso.

E quando pergunto para a minha professora, ela se assusta e volta sempre às mesmas respostas:

— Porque a história é assim.

Mas por que a história é assim?

Por que minhas dúvidas atrapalham a aula?

Por que os outros não se preocupam com isso?

Talvez o problema não fosse a história.

Talvez o problema fosse que ninguém queria escutar as perguntas.

Foi por isso que eu decidi guardar todas elas.

Se ninguém queria responder, eu mesma iria descobrir.

Então, pela primeira vez, escrevi minha dúvida:

“Onde estão os pais dos três porquinhos que nem sei o nome?”

¹ Acadêmica do curso de pedagogia do 3º período – UNIFIMES 202510308@fimes.edu.br



Naquele momento, tudo o que eu sentia era sono — e uma vontade enorme de continuar escrevendo. Pisquei os olhos por um instante e, quando os abri, eu estava em pé. Descalça. Em uma grama macia.

Sentia o cheiro de limão — daqueles bem fresquinhos. No último dia em que pude ter meu pai ao meu lado, ele me contou o nome daquele limão: siciliano... ou Cristiano, não me lembro. Mas o cheiro — ah, o cheiro — era exatamente o mesmo.

Ao fundo do caminho, avistei três casinhas.

Eu não estava mais em casa.

Caminhei devagar até elas. A de palha tremia com o vento, como se estivesse sempre prestes a cair. A de madeira tinha marcas profundas nas paredes, como arranhões antigos. A de tijolos parecia forte, mas suas janelas estavam escuras — como buracos onde antes deveria existir luz.

Ouvi passos leves atrás de mim.

— Você não deveria estar aqui — disse uma voz fina.

Virei-me rapidamente. Um porquinho me observava. Seus olhos não tinham o brilho alegre das histórias que eu conhecia. Pareciam cansados.

— Eu só queria fazer uma pergunta — respondi.

Ele inclinou a cabeça.

— Sobre nossos pais?

Meu coração acelerou.

— Como você sabe?

O porquinho soltou um riso baixo, quase triste.

— Porque todo mundo pergunta isso quando chega aqui.

— Então... onde eles estão?

O porquinho olhou para as três casas e depois para a estrada de terra.

— Eles nos deixaram aqui — disse.

— Disseram que já éramos grandes o suficiente para cuidar de nós mesmos.

— Mas vocês eram pequenos... — murmurei.

— É — respondeu ele. — Pequenos demais para entender por que ninguém voltou.

— Então por que contam que vocês decidiram construir as casas? — perguntei.

O porquinho deu de ombros.

— Porque essa versão é mais bonita. E mais fácil de contar para as crianças.

Nesse momento, outro porquinho apareceu atrás da casa de madeira.

— A verdade assusta — disse ele.



— Mas histórias são feitas para ensinar coisas boas — respondi, quase repetindo o que minha professora diria.

O segundo porquinho me olhou por um tempo, como se estivesse decidindo se valia a pena responder.

— Às vezes — disse, por fim — as histórias só tentam esconder coisas ruins.

O vento soprou mais forte naquele momento, fazendo a palha da primeira casa voar.

Por um instante, tive a impressão de que algo ali dentro também se desfazia — como se já não houvesse ninguém para segurar as paredes de pé.

Nenhum som veio de dentro.

Só o vento.

— O lobo veio depois — disse o primeiro porquinho.

— Quando já estávamos sozinhos.

— Espera... — falei, tentando entender. — Então a parte do lobo é verdadeira?

Os dois se entreolharam.

— O lobo é a parte menos assustadora da história — respondeu o segundo.

Um silêncio pesado caiu sobre nós.

Pela primeira vez, pensei que talvez eu não quisesse saber de todas as respostas.

— Você veio porque perguntou demais — disse o primeiro porquinho.

— O que quer dizer?

— Toda vez que uma criança faz perguntas que ninguém quer responder... ela acaba encontrando o caminho até aqui.

— Aqui onde?

O porquinho apontou para a floresta.

Entre as árvores, outras pequenas trilhas apareciam.

Em uma delas, vi uma menina segurando um sapatinho de cristal.

Em outra, dois irmãos caminhavam deixando migalhas pelo caminho.

Histórias que eu conhecia.

Histórias que talvez também não tivessem sido contadas direito.

Talvez as histórias não fossem mentiras.

Talvez só estivessem incompletas.

E talvez fosse por isso que os adultos não gostassem tanto de perguntas.

Porque algumas respostas fazem as histórias parecerem muito menos bonitas...



X COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
VIII CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
VII PRÊMIO UNIFIMES DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

CONHECIMENTO EM MOVIMENTO:
PESQUISA E INOVAÇÃO NO CONTEXTO MULTIDISCIPLINAR



18 a 20
MAIO DE 2026

...e muito mais verdadeiras.

E, às vezes,

verdadeiras demais para terem sobrevivido na história.

